



JESUÍTAS BRASIL

Cadernos *IHU ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 339 | vol. 20 | 2022

**MESOCENO. A Era dos Meios e
o Antropoceno**

Rodrigo Petronio

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 339 | vol. 20 | 2022

MESOCENO
A Era dos Meios e o
Antropoceno

Rodrigo Petronio

Doutor em cosmologia e professor titular da
Fundação Armando Álvares Penteado - Faap



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XX – Nº 339 – V. 20 – 2022
ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: PxHere

Revisão: Pedro Henrique Barbosa de Brito

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil



Este texto é um excerto enviado pelo autor do livro *Por que o futuro será uma Era dos Meios. Coleção Interrogações* dirigida por Lucia Santaella. Bauru: Letras e Cores, 2021.

RESUMO: Inspirado em minha teoria dos mesons (meios-mundos), o Mesoceno pretende dissolver e relativizar a centralidade do humano em meio aos demais processos da geosfera, da biosfera, da antroposfera, da tecnosfera e da cosmofera. Esta nova (ceno) época da vida (bíos) que emerge agora com o fim do Holoceno nasce de uma reconfiguração global de todas as definições de natureza, redefinida a partir da iminente exponencialização da inteligência artificial. Dessa forma, esta nova época pode vir a se converter em uma nova era para o sapiens: a era relacional. Essa cosmologia relacional e conexcionista do Mesoceno pode vir a superar as aporias e impasses do biocentrismo e do antropocentrismo, ainda latentes nos conceitos de Bioceno e Antropoceno. Este artigo pretende trazer algumas visões acerca desses problemas envolvendo o Antropoceno e levantar algumas linhas de compreensão preliminares sobre o Mesoceno.

PALAVRAS-CHAVE: Mesoceno. Meios. Mundos. Antropoceno.

MESOCENO

A Era dos Meios e o Antropoceno

Rodrigo Petronio

Doutor em cosmologia e professor titular da
Fundação Armando Álvares Penteado - Faap

I. ABERTURA

Há alguns anos concebi e comecei a desenvolver um novo conceito a partir de um neologismo: bioceno. Este termo foi estabilizado parcialmente em um artigo que escrevi e foi publicado no Número 22 da revista Teccogs¹ (Petronio, 2021a). Nele analiso em linhas gerais as pesquisas de Vikram Shyam, um dos poucos pesquisadores do mundo a desenvolver o mesmo neologismo. Naquele artigo, concentrei-me apenas em expor em linhas gerais a pesquisa de Shyam e nomear alguns de seus conceitos, tais como paleomimesis, fisiomimesis, biomimesis e antropomimesis. Descrevi também a PeTaL (Tabela Periódica da Vida), projeto

1 https://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/edicao_22/artigo.html

desenvolvido por Shyam na NASA a partir dos pressupostos da teoria biocênica.

Por sua vez, o Antropoceno é uma mudança da época da Terra cuja oficialização nos meios acadêmicos está em vias de ocorrer. Conta com um profundo interesse por parte de diversos cientistas e pesquisadores, além de ser um dos fenômenos mais transdisciplinares do mundo contemporâneo. Mesmo assim, tendo em vista os impactos em escala global que os efeitos antropocênicos podem deflagrar, percebe-se que ainda não tem a atenção que deveria merecer. Sem minimizar a especificidade e a centralidade da ação dos humanos nas consequências negativas e mesmo catastróficas decorrentes do Antropoceno, acredito entretanto que o conceito possui alguns problemas epistêmicos que precisam ser retificados. Um dos problemas principais é trazer em seu cerne a categoria *antropos*, o que gera um paradoxo. O mesmo antropocentrismo que produziu uma alteração devastadora do sistema Terra continua a ser enfatizado e reproposto pela nova época do humano, ainda que de modo negativo.

Como uma alternativa a este paradoxo, criei e tenho desenvolvido o conceito de Mesoceno: uma época dos meios-relações. Inspirado em minha teoria dos meosons (meios-mundos), o Mesoceno pretende dissolver e relativizar a centralidade do humano em meio aos demais processos da geosfera, da biosfera, da antroposfera, da tecnosfera e da cosmosfera. Esta nova (*ceno*) época da vida (*bíos*) que emerge agora com o fim do Holoceno nasce de uma reconfiguração global de todas as definições de natureza, redefinida a partir da iminente exponencialização da inteligência artificial. Dessa forma, esta nova época pode vir a se converter em

uma nova era para o *sapiens*: a era relacional. Essa cosmologia relacional e conexcionista do Mesoceno pode vir a superar as aporias e impasses do biocentrismo e do antropocentrismo, ainda latentes nos conceitos de Bioceno e Antropoceno. Este artigo pretende trazer algumas visões acerca desses problemas envolvendo o Antropoceno e levantar algumas linhas de compreensão preliminares sobre o Mesoceno.

II. ESCREVER A TERRA

Tornei-me a morte, a destruidora de mundos. Este verso do Bhagavad-Gītā, entoado por Krishna, descreve uma das mais importantes visões humanas acerca da destruição de um ciclo cósmico. Sempre que tratamos, não de uma morte relativa e parcial, mas da destruição global do mundo, acabamos saindo do discurso racional. Adentramos o mito. Não por acaso, o advento da bomba atômica levou o poeta e pensador mexicano Octavio Paz a propor esta analogia. A modernidade da ciência e da razão nos conduziu aos limites do mundo subatômico e da dominação da natureza. Paradoxalmente, a iminência da destruição da Terra e da humanidade promovida por essa escalada da tecnociência nos devolve ao regime mítico do *Mahābhārata* e dos grandes ciclos de destruição e de recriação dos universos. O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro e a filósofa Deborah Danowski (2014) tematizam esse mesmo movimento em uma obra importante para pensarmos como diferentes ontologias e cosmologias concebem o fim do mundo, bem como as possibilidades de adiá-lo ou mesmo de evitá-lo. Por seu turno, o mito, humano e secular por excelência, fruto dessa mesma modernidade, são a literatura e a arte. Em 1922, T. S. Eliot publi-

cou *The Waste Land*, poema-síntese da devastação das primeiras décadas do século 20. Em 2022, cumprem-se 100 anos desse obra-prima escandida sobre as ruínas e a morte. Qual será o poema que define este nosso começo de século e de milênio? Com certeza, será poema sobre uma Terra extinta. Um poema sobre o Antropoceno.

Contudo, uma fratura se insinua nesse mecanismo de desintegração em massa. Se a técnica reduziu o mundo à imagem do mundo, como queria Heidegger, uma fenda se abre nesta nossa nova imagem antropocênica do mundo. Surge uma rachadura entre o mito e a razão, entre a tecnociência e o progresso, entre o futuro da esperança prometeica e o futuro da megalomania fáustica (Hermínio Martins, 2018). Essa cisão inviabiliza ambos. As razões da história e as razões do mito se desativam mutuamente, contra as expectativas de Adorno. Por quê? A frase pronunciada por Robert Oppenheimer em Los Alamos, quando do primeiro teste bem-sucedido da bomba atômica, resume tudo: “A geringonça funcionou”. O futuro da humanidade, parte da vida e inúmeros ecossistemas e sistemas, vivos e não-vivos da Terra, estariam, então, submetidos aos caprichos de uma geringonça? Pior: todo nosso destino estaria subsumido ao fato de esta geringonça – funcionar? Flusser, como sempre, é profético. E o é ainda mais ao detectar as contradições abissais que fundamentam esse novo tempo dos aparelhos, dos programas e dos funcionários que funcionam dentro de sistemas pré-programados. O que salta aos olhos é a absoluta vacuidade valorativa e axiológica que define este novo modo de ser e este novo modo de existência.

Obviamente, não se trata de maneira nenhuma

de fazer aqui uma crítica ingênua à civilização tecnocientífica. Por mais romantizada, toda nostalgia exala algum odor de totalitarismo. A pergunta que se faz é em que medida o mundo em que vivemos possibilita e pode vir a possibilitar a manutenção e o aumento da tecnodiversidade (Yuk Hui, 2021)? Em que medida o horizonte da técnica atual pode convergir para a construção, a preservação e a geração de novas cosmotécnicas (Yuk Hui, 2021)? Afinal, o problema do Antropoceno, a despeito das implicações catastróficas, também é um problema de redução da diversidade. E devemos entender aqui diversidade em todas as suas acepções existentes: geodiversidade, biodiversidade, antropodiversidade, tecnodiversidade e cosmodiversidade.

Não há portanto como falar em Antropoceno de modo objetivo. Como na recursividade de Edgar Morin (2015), estamos implicados naquilo que implicamos e somos produtos do que produzimos. Essa circularidade não é uma tautologia ou enunciado vazio. É a condição mesma da vida em sua *autopoiesis* infinita. Como a antropóloga Anna Tsing (2019), somos convocados por um imperativo: escrever sobre a Terra em primeira pessoa. Apenas assim conseguimos demarcar a nossa escrita fóssil. Imaginar que, em cada fagulha cotidiana de vida, podemos detectar os sedimentos fossilizados de um futuro que avança em nossa direção como uma promessa e como um fantasma. A cada palavra escrita, uma morte espreira de soslaio. A cada movimento das mãos, dos olhos, dos corpos, um futuro se abre. Ele pode ser uma alteração dos cursos da humanidade e da Terra rumo a um horizonte de vida e potência. Pode ser uma zona cinzenta de opacidade e indeterminação. Pode ser a marca presente que outras formas de vida não-humanas vão tatear daqui a alguns

milhares ou milhões de anos, únicos registros de uma humanidade extinta.

Por que o Antropoceno ainda não foi oficializado dentro do debate científico, como, de fato, uma nova época da Terra? Porque ainda não se tem uma quantidade de informações para se propor qual, exatamente, é a parcela humana nessa transformação e nessa mutação. Mas que a mutação existe, existe. Entretanto, talvez a estabilização do termo Antropoceno seja apenas uma questão de tempo, como acredito. Contudo a demonstração empírica dessa transformação ainda continua suscitando debates e ajustes conceituais. Teríamos evidências da intervenção humana para demarcarmos esse novo período chamado Antropoceno? Em que medida a civilização humana produziu indícios que justifiquem a criação dessa nova época? A fundação dessa nova época depende de quantificadores demonstráveis que determinem uma conexão entre duas grandes temporalidades: tempo geológico e tempo humano. A fortuna de língua inglesa, ainda que alguém do gigantismo do fenômeno, é bem significativa. Em minha pesquisa identifiquei e consegui acessar o conteúdo de 81 livros que trazem o conceito de Antropoceno, seja no título ou como palavra-chave. E pretendo em breve publicar uma lista completa com todas as informações editoriais desta lista, para auxiliar os futuros pesquisadores. Exceção feita ao trabalho de alguns cientistas e pesquisadores brilhantes nos quais me apoio neste artigo, no Brasil o debate em torno do Antropoceno é um deserto. Quase inexistente, sobretudo na área de ciências humanas.

Para começar, não há como não recorrer ao artigo de Santaella (2021)², uma das melhores sínteses publi-

2 <https://medium.com/labjorfaap/semiótica-semiose-semiosfera->

cada no Brasil sobre o estado da questão envolvendo Antropoceno. Santaella se recusa a tratar de um tema sem antes ter percorrido toda a bibliografia científica essencial à sua abordagem. Parte da “grande aceleração”, decorrente do processo de industrialização. E mapeia alguns dos principais autores desse debate, no Brasil e no mundo: Jussi Parikka, Bruno Latour, Isabelle Stengers, José Eli da Veiga, Adriano Messias, Paul Crutzen, Eugene Stoermer, Elizabeth Kolbert, Vinicius Prates, com destaque às mulheres, sobretudo às obras de Donna Haraway, Isabelle Stengers, Jane Bennett e Joanna Zylińska. E a uma menção especial a Luiz Alberto Oliveira. Ambos, Santaella e Oliveira (2017, 2018), pioneiros no debate sobre o Antropoceno no Brasil, quando este ainda era incipiente.

Em 2000, a partir de análises estratigráficas da Geologia, Crutzen definiu como Antropoceno esta nova época da Terra em que estaríamos ingressando. A partir de uma reflexão extremamente concatenada, Santaella não se contenta em definir o Antropoceno a partir do clássico termo estabilizado por Paul Crutzen, Nobel de Química em 1995. Santaella retroage a 1870. Retorna ao conceito de época Antropozoica, criado pelo geólogo Antonio Stoppani, vendo neste um precursor e uma primeira intuição dessa mudança que testemunhamos agora, com o fim de 12 mil anos de Holoceno. Contudo, as indagações de hoje, na era dos dados, tornaram-se muito mais complexas. Qual a relação, por exemplo, do Antropoceno com a emergente ciência dos dados, do *big data* e com a inteligência artificial? Santaella nos mostra que é total. A criação de novas ferramentas cognitivas e novas formas de monitoramento informacional podem

na-época-do-big-data-e-do-antropoceno-647a6ed12854

gerar soluções para os impasses ambientais, globais e civilizacionais em que nos encontramos. Afinal, a pior resposta que se pode dar aos problemas de uma sociedade fundada sobre a tecnociência é a recusa da tecnologia e da ciência. Para tanto, é preciso uma leitura fina dos processos de significação. E aqui entra a semiose e a ciência geral dos signos.

Apenas uma semiose ecossistêmica pode nos fornecer uma chave de interpretação à altura das “novas acrobacias do capitalismo”. É preciso compreender o Antropoceno e o *big data* de um ponto de vista sistêmico e complexo. Isso implica a compreensão e a taxonomia dos diferentes tipos de signos e das diferentes mediações implicados nessas redes informacionais e comunicacionais de dados. Ou seja: a semiosfera. Nesse sentido, sem minimizar o valor do conceito de semiosfera cunhado pelo semioticista russo Yuri Lotman (1990), sua perspectiva culturalista permanece atrelada às antinomias kantianas natureza-cultura. Para compreender a complexidade dessa semiosfera, entendida como “reino dos signos”, é preciso ir além desse dualismo. É preciso compreender a semiosfera (esfera dos signos) como noosfera (esfera da mente).

Diferente das implicações cristãs e teleológicas que o conceito de noosfera assume na obra de Teilhard de Chardin, a abertura intelectual promovida por Santaella a partir desse conceito ilumina uma conexão das mais produtivas para compreender o mundo atual. Definitivamente chegou ao fim a separabilidade entre semiose e noose, entre signo e pensamento, entre ser e mente, entre natureza e consciência. E é nesse sentido que o conceito de semiosfera converge plenamente para o conceito de mesosfera (esfera dos meios)

e cosmosfera (esfera do cosmos), nucleares no desenvolvimento da mesologia, a teoria dos meios que tenho desenvolvido e por meio da qual cunhei o termo Mesoceno, por meio do qual proponho uma compreensão do fenômeno do Antropoceno sob outra perspectiva.

Apoiado no artigo de Santaella, precisamos criticar e buscar alternativas à cerebrização e à “mecanização da mente”, descritas por Jean-Pierre Dupuy (2011). Precisamos barrar a destruição do mundo perpetrada pelo antropocentrismo, que nada mais é do que um dualismo humano-natureza levado aos seus paroxismos. Precisamos evitar a chegada para os humanos da grande Era da Solidão, assim definida pelo biólogo Edward Osborne Wilson e pelo jornalista científico David Wallace-Wells (2019). Para tanto, precisamos compreender com Peirce (e com Santaella) que não existe distinção entre natureza e mente. Por conseguinte, a teoria e a imagem, a visão e a invisibilidade, a percepção e o conceito, o concreto e o abstrato se conectaram em um liame de indiscernibilidade e de indissociabilidade. Esse é o modo mesmo complexo a partir do qual podemos chegar a compreensões e soluções pelos dilemas profundos gerados pelo Antropoceno.

Em seguida, alinho diversas questões centrais do debate antropocênico. Tomo como guias duas obras de referência publicadas recentemente. A primeira é *A Terra Inabitável: Uma história do futuro*, do jornalista de ciência David Wallace-Wells (2019). A obra é devastadora e nos adverte para as consequências de mutações subterrâneas ocorridas com a Terra e que terão impactos ainda mais desastrosos caso não tomemos consciência deles, independente de suas causas humanas ou não-humanas. A segunda é *Antropoceno*

e a *Ciência do Sistema Terra*, do pesquisador brasileiro José Eli da Veiga (2019). Por fim, como linha de fuga e tentativa de criar novos horizontes contra o fatalismo, recorro a Bruno Latour (2020a, 2020b), sobretudo a suas últimas obras, que abordam Gaia e o Antropoceno de modo mais detido. Quando abordamos a obra do Latour, a primeira sensação que temos, principalmente nas conferências, não em outros livros, é a de um autor relativamente fácil, por causa da oralidade. Mas logo o leitor percebe que essa facilidade vai se complexificando ao longo da leitura. Vou fazer uma introdução aos macroconceitos que estão no próprio título do livro para entendermos como Latour está dialogando com alguns autores e para compreendermos o cerne de seus livros: Gaia e Antropoceno. Estes dois, associados e disseminados a partir do conceito de natureza, são três conceitos imensos, sendo natureza um dos mais vastos da história da filosofia. Mas Latour, como um antropólogo e filósofo da ciência, se restringe a lhe dar uma abordagem mais específica, dentro do campo dos estudos das ciências (*science studies*), área na qual ele é mundialmente conhecido. A estrutura ternária deste texto se inspira no inferno, no purgatório e no paraíso de Dante. Devemos fazer tudo que esteja a nosso alcance para chegarmos de fato ao final feliz que caracteriza toda *commedia*, entendida como gênero. Caso contrário, o colapso da civilização e dos humanos pode ser iminente.

III. EXTINÇÃO

É muito pior do que você imagina. Com esta frase, Wallace-Wells abre sua obra devastadora. Depois de cinco extinções em massa, estaríamos rumo à “sexta

extinção em massa”, como a define Elizabeth Kolbert (2011). Exceção feita aos dinossauros, todas envolveram emissão de gases efeito estufa, independente das causas serem humanas ou não-humanas. Qual seria nossa parcela de participação nisso? Alguns dados são ululantes. O aumento de gases estufa é da ordem de cem vezes mais rápido do que em qualquer outro momento da história do *sapiens*. Por causa de dados como este que se fala em efeito estufa e em aquecimento global. Roger Revelle foi o primeiro a anunciar o aquecimento global. Coube a Wallace Smith Broecker se tornar um dos popularizadores do termo.

Em termos humanos, o desastre é iminente. As projeções se multiplicam: 200 milhões de refugiados do clima até 2050. Se partirmos da premissa de que os mamíferos são “máquinas térmicas”, ou seja, resfriar-se e se aquecer são os modos mesmos de sobrevivência dos organismos, um aquecimento de 11 ou 12 graus levaria metade da população do planeta à morte. E partes inteiras do globo ficariam incompatíveis com a vida humana. Um aumento de 5 ou 6 graus até 2100 é pouco provável. Mas como podemos prever cascatas? O IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*³) prognostica uma média de 4 graus de elevação. Mesmo diante de cenários menos catastróficos, um aumento dessa magnitude geraria a migração de até 1 bilhão de pessoas até 2050. A inteligência artificial, a robotização e os sistemas de algoritmos trouxeram avanços em diversas áreas, mas o desemprego estrutural é uma realidade para a qual ainda não há soluções claras, nem públicas nem privadas. Delineia-se no horizonte um novo tipo de conflito: os conflitos climáticos. Os combates do século XXI serão combates atmosféricos, como bem in-

3 <https://www.ipcc.ch>

tiu Sloterdijk (2006). Combates e guerras decorrentes da mutação climática e dos deslocamentos populacionais voltam a ser possibilidades. Dentro do princípio do efeito-cascata, agentes multiplicadores de ameaças tornam os sistemas de seguridade frágeis (Wallace-Wells, 2019).

O efeito albedo (Peter Wadhams) é outro risco: quanto mais o gelo derrete nos polos, mais luz do sol é absorvida, gerando efeito estufa. A morte de partes importantes da biosfera oceânica leva ao branqueamento dos corais, que também têm um impacto de efeito albedo. O metano que vaza cada vez mais do permafrost é outro dado alarmante. O sistema circulatório dos oceanos e da vida marinha também corre risco. Por fim, enquanto a elevação do nível dos oceanos pode ocorrer em décadas, milhões de anos são necessários para o quartzo e o feldspato venham a formar novas praias (Wallace-Wells, 2019).

Em relação ao ar, as novidades não são nada reconfortantes. Desde o fim da Guerra Fria, com a chamada Grande Aceleração, as emissões de carbono têm aumento devido à corrida pela conquista dos mercados baseados em combustíveis fósseis. Um dos sonhos de solução desse problema seriam as chamadas fábricas anti-industriais de “sequestro de carbono”. São aparelhos conversores de carbono em energia limpa e renovável. Qual o problema? Para diminuir a emissão de carbono em vinte partes por milhão, seria preciso 1 bilhão de aparelhos a um custo de 300 trilhões de dólares. Isso é quase quatro vezes o PIB mundial. Outro sonho que ainda não se concretizou: a computação aumentar a produtividade em termos globais, o que, segundo Robert Solow, não se verifica em termos empí-

ricos (Wallace-Wells, 2019). Atualmente mais de 10 mil pessoas morrem por dia por causa da poluição. Além disso, um aumento do dobro da quantidade de carbono registrada hoje em dia (930 por milhão) geraria uma queda da capacidade cognitiva humana da ordem de 21%. A poluição sempre foi ligada às doenças mentais em crianças e à probabilidade de doenças em adultos. Nesse quesito, cerca de 90% das cidades do mundo estão acima do limiar de segurança da OMS. Outra pauta deve surgir em breve: a insegurança alimentar. O limiar que estamos atravessando diz respeito às impurezas (um eufemismo) alimentares. A presença de microplásticos em alimentos continua a crescer, a despeito de fiscalizações. A geoengenharia por sua vez não consegue reverter essa situação na mesma proporção em que os detritos são produzidos.

Outro fator alarmante: estamos atravessando a pandemia do novo vírus causador da covid-19. No entanto, há ainda vestígios da gripe de 1918. E a Terra abriga cerca de 1 milhão de tipos de vírus ainda não catalogados. A possibilidade efetiva da ressurreição de pestes adormecidas e consideradas extintas é um pesadelo. As imagens desse pesadelo coletivo se desprendem pouco a pouco das placas de gelo dos polos Norte e Sul. Mais do que os flagelos antigos, podemos vivenciar flagelos reprogramados, evoluídos ou mutações. Em Minnesota, durante a década de 2000, carrapatos produziram a mortalidade de 58% de alces. Uma diferença de 1 a 2 graus Celsius pode alterar o comportamento de bactérias e vírus, produzindo avalanches de mortes. Como um organismo fagocita seres menores, o capitalismo fóssil nos dissolve. Reconduz-nos ao nosso passado pré-humano. Reconecta nossa espécie com os protozoários, bactérias, moneras, mi-

crorganismos. Lembra-nos de nossa pequenez e vulnerabilidade. Em vez de acessarmos e reconectarmos o infinitamente grande de Deus, o Antropoceno nos possibilita o acesso a uma região sombria e nem por isso mística: o acesso ao infinitamente pequeno. Um oceano viral. O humano criado à imagem e semelhança de um microrganismo. Por isso, alguns autores preferem chamar o Antropoceno de Capitaloceno. E Donna Haraway (2015) captou muito bem a conexão subterrânea entre capitalismo, fossilização e dimensões não-humanas. Batizou-a de Cthulhuceno, a partir do monstro do terror cósmico de Lovecraft. Ademais, Edward Wilson, um dos criadores da sociobiologia, adverte que metade das espécies animais estará extinta até 2100. Teremos Meia-Terra. Ou seja: Terra Nenhuma. Wallace-Wells, que se considera um otimista, prevê que 150 milhões de pessoas vão morrer nas próximas décadas: o equivalente a 25 Holocaustos (Wallace-Wells, 2019).

O aquecimento global não trata de ciência, de saberes, de sociedade, de economia, de ideologia ou de projetos ou de desenvolvimento. Tudo isso é muito abstrato e sublime. Diz respeito a nosso modo de vida no planeta e à sobrevivência da espécie. Por isso, uma das encruzilhadas em que nos encontramos se resume a dois termos: cascatas e sistemas. O efeito cascata é um efeito disruptivo de propagação não-linear (Wallace-Wells, 2019). Consiste em uma consequência que, mesmo estando virtual e potencialmente em sua causa, não pode ser medida ou prevista. Da mesma forma, a cascata é uma linha de ações causais cujos efeitos geram outros efeitos, consequências que geram outras consequências. Por mais que conheçamos e analisemos os agentes causadores, não conseguimos esgotar todas as possibilidades e probabilidades de toda cadeia de

efeitos e das consequências nessa *mîse en abyme*. Como na teoria das catástrofes de René Thom (1989), não conseguimos definir quando uma tendência gera as condições de necessárias para uma mudança de estrutura.

E aqui entra o segundo termo decisivo para conseguirmos refletir sobre o Antropoceno: sistema. Para diminuir essas imprevisibilidades, ou seja, reduzir o escopo probabilístico, é preciso aplicar cada vez mais uma visão sistêmica, capaz de unificar eventos, seres, redes, conexões, entidades, informações e processos aparentemente isolados. O problema não é não termos ainda sistemas computacionais e inteligências artificiais capazes de mapear situações, cruzar informações e cartografar os algoritmos que compõem todas as esferas do sistema Terra: a geosfera, a biosfera, a antroposfera, a tecnosfera a cosmofera. Esse sistema operacional está cada vez mais próximo. O problema, como sempre, não é científico ou tecnológico, mas político e econômico. De qualquer forma, um imperativo se coloca para este século: não é mais possível pensar a Terra a partir de sociedades atomizadas ou de ecologias isoladas. Por maior que seja a irredutibilidade de certos ecossistemas, processos e interações, irredutibilidade esta fundamental para o aumento de complexidade (Morin), as associações e composições orgânicos-inorgânicos de Tarde (2007), a *simpoiesis* de Haraway (2009), convergências entre as formas de vida e os mecanismos, e as redes de solidarização da vida, na acepção de Sloterdijk (2003, 2004, 2006), precisam ser os novos guias para a constituição de um sistema Terra.

IV. MESOSFERAS

Tangenciei o conceito de mesosfera em outro artigo⁴ publicado na revista Teccogs e escrito a quatro mãos com a pesquisadora Ariane Alves sobre o conceito de zoomorfoses, criado por nós. Com a ascensão das tecnologias digitais e das sociedades de controle descritas por Deleuze, cada vez mais os humanos têm habitado esferas de domesticidade e de cativeiro, antes restritas aos animais. Por meio dos algoritmos e dos sistemas de vigilância digitais, vivemos uma expansão cada vez maior dos dispositivos de controle dos humanos sobre si mesmos. Por outro lado, estas mesmas tecnologias digitais e a zerodimensionalidade das tecnoimagens (Flusser, 2019) têm produzido um efeito extremamente ambivalente. As tecnologias de comunicação aumentam de modo exponencial os meios, os mundos e as mediações, tornando a semiosfera (Santaella, 2021) cada vez mais rarefeita e cada vez menos aderente aos processos primários, do ponto de vista da metapsicologia, segundo Freud. Paralelamente, crescem e se universalizam os observadores de segunda ordem (Luhmann, 2009). Entretanto, quanto mais rarefeita se torna a tecnosfera e a antroposfera, mais ela se torna povoada de signos relativos à biosfera, à geosfera e à cosmosfera.

Ao mesmo tempo, estes mesmos processos de rarefação produzem uma possibilidade de contato informacional cada vez maior entre os seres vivos e não-vivos, entre orgânicos e inorgânicos, promovendo uma conexão cada vez mais profunda e umbilical entre esses dois regimes de seres. Quanto mais artificiais são os meios de captura da natureza, maior é a quantida-

4 <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/53398/34869>

de de imagens dela que podem vir a ser acessadas e armazenadas. Essa ambiguidade é inscrita na própria equação do Antropoceno. Para alguns especialistas, essa nova época humana exige uma nova ciência que seja capaz de estudar em todas as suas implicações transdisciplinares: a Ciência do Sistema Terra (CST). Para ultimar uma compreensão de fato sistêmica dos processos complexos da vida na Terra, esta ciência exige por sua vez uma articulação de quatro grandes esferas: a geosfera, a biosfera, a antroposfera e a tecnosfera (Eli da Veiga, 2019). Ou seja: as esferas do inorgânico, do orgânico, do humano e das tecnologias.

Seguimos esta taxonomia, mas acreditamos que seja preciso agregar uma quinta esfera: a cosmoesfera. A relação que a Terra estabelece com os sistemas extraterrestres e com dinâmicas extraterritoriais que emergem dentro dos sistemas semiabertos de nosso planeta. Ademais, acreditamos que todas essas cinco esferas são atravessadas por uma instância e compõem uma unidade não-holista: a semiosfera (Lotmann, 1990, Santaella, 2021, e Peirce, 1931-1958). À medida que tudo é signo e processo sógnico, estas cinco esferas podem ser compreendidas em sua semiose infinita mediante um trabalho conceitual transdisciplinar da teoria geral dos signos egressa da semiologia, das teorias da informação e das teorias da comunicação. Por fim, para esclarecer alguns aspectos que pretendemos evidenciar neste artigo, utilizaremos o conceito de mesoesfera. Trata-se da semiologia presente na teoria dos mesons ou mesologia, teoria dos meios e dos *media* criada e desenvolvida por mim (Petronio, 2015). Para efeitos de simplificação, entenderemos a mesoesfera como um sinônimo de semiosfera que enfatiza a estrutura e os fundamentos relacionais dos signos. Mais adiante, analisaremos as

relações entre morfologia, arte e vida a partir da esferologia de Sloterdijk, cuja ontologia relacional pode ser entendida como uma teoria das formas e dos meios, convergente com a nossa abordagem.

Desde a escala da vida de Aristóteles, a vida fora pensada a partir de uma hierarquia que contemplava os minerais, os vegetais, os animais e, dentro deste reino e no centro do cosmos, os animais humanos. Vivemos hoje o crescimento das tecnologias virtuais, das inteligências coletivas (Lévy, 1999, s/d), organizadas em forma de malhas reticulares que mapeiam toda Terra. Diferente do que acreditava, essa expansão da tecnosfera, em vez de isolar ainda mais o humano em sua falsa solidão e na ilusão de sua plenipotência, tem produzido o efeito exatamente oposto de ampliar, aprofundar e expandir os processos e semioses da vida orgânica, para além do horizonte da animalidade, seja ela humana ou não-humana.

Por isso, é valioso o descentramento produzido pela obra de Emmanuel Coccia (2018), pois ela questiona e critica as epistemologias da biologia construída sobre a centralidade dos animais. Por mais que as teorias darwinianas tenham relativizado a hierarquia da vida, os animais e, sobretudo, os mamíferos, continuam a exercer uma centralidade ôntica e epistêmica. Ao pensar os processos vivos a partir do reino vegetal, Coccia leva adiante o desbravamento de um novo caminho para o pensamento: a biossemiose ou a fitossemiose. Os vegetais são o alicerce da semiosfera dos seres vivos e, no limite, as bases de toda vida, como intuiu Bateson (2000). Na mesma chave, os estudos de Peter Wohlleben (2017) sobre as árvores e as redes vegetais de transmissão de informações têm se tornado

metamodelos mais produtivos para pensar as tecnologias virtuais do que as analogias animais.

Neste artigo, nosso objetivo é estabilizar o conceito de *zoomorfose* e demonstrar como ele pode ser um operador conceitual nuclear para compreender aspectos essenciais da arte e do pensamento contemporâneos. Para além das conceituações estritas da bioarte, das artes do corpo, das artes da terra e de manifestações congêneres, nossa intenção é explorar a interface entre os sistemas vivos, aparelhos informacionais-computacionais e a organizações formais, compreendendo-os por meio de semioses complementares. A singularidade das zoomorfoses em relação a outras interfaces entre vida-arte decorre das mediações globais produzidas pelas novas tecnologias virtuais. Ao transcender a natureza, o corpo, a morte e a animalidade, os humanos passaram a domesticar a si mesmos, criando algoritmos, sistemas de climatização e de controle biomorfos. A era pós-evolutiva (Teixeira, 2010), chamada de bioceno (Shyam, 2019a, 2019b), na qual os processos coevolutivos tendem a se expandir de modo abissal e na qual a seleção artificial pode vir a emular e mesmo sobrepujar a seleção natural, adentraremos uma nova forma de vida, dominada pela seleção artificial, pela vida sintética e pela biotecnologia. Paradoxalmente, o mais abstrato tende a se torna o mais concreto (Flusser, 2019). A vida humana-animal deve se converter em um epifenômeno da atividade global dos algoritmos e aparelhos zerodimensionais que vão controlar todos os processos, vivos e não-vivos.

Nesse mesmo sentido, Bataille (1993, 1975a, 1975b, 2004) se baseia nessas duas dimensões dos seres para definir dois conceitos nucleares de seu pensamento: a continuidade e a descontinuidade. Todos os processos

da natureza estariam imersos em um *continuum* ininterrupto. O reino da *zoé* não contempla nenhuma cisão representacional entre a consciência e o meio. O animal está no mundo como a água no anterior da água, vaticina o pensador-poeta. Por outro lado, o humano seria um animal capaz de colocar o mundo diante de si. Ou seja: um animal que promove intervalos, rupturas e hiatos na cadeia relacional dos seres. Um animal que se imagina a si mesmo separado dos demais animais. Um animal que vive exilado e iludido em seu pequeno mundo de descontinuidade. Um animal da *bíos*.

Por isso, a biologia e a zoologia sempre foram as taxonomias dos seres vivos e dos animais não-humanos levadas a cabo pelos humanos. E todas as formas de domesticação da natureza tiveram um objetivo: reduzir a *zoé* à *bíos*. Neste artigo chamaremos de *biologias* os diversos discursos e praxis que apostaram na separabilidade e na determinação de uma vida em detrimento de outras, ou seja, na sacralização/purificação da vida, uma resolução de sua estrutura ambivalente. E chamaremos de *zoologias* as tentativas de relativizar essa separabilidade, concebendo a vida por meio de ontologias alternativas e situando as vidas determinadas como plataformas especiais, imersas em um conjunto virtualmente infinito de plataformas especiais, dentro das quais os humanos e os demais seres vivos podem ser concebidos, mas não hierarquizados.

Ora, o que tudo isso tem a ver com o conceito de zoomorfoses? As narrativas e as teorias que acentuam a centralidade da determinação em detrimento da indeterminação têm sofrido um eclipse significativo nos últimos séculos. E esse declínio paradoxalmente decorre de uma ampliação das novas tecnologias da infor-

mação e da ascensão vertiginosa das tecnociências. As tecnologias da inteligência têm produzido um efeito reverso. Ao mesmo tempo em que essas novas tecnologias geram cada vez mais hibridismos e ciborgues, e embaralham de modo indissolúvel o natural e o artificial (Haraway, 2009, Hoquet, 2018), um dos efeitos centrais ou colaterais de sua vigência é uma revolução informacional e computacional sobre as dimensões e as escalas da vida, bem como a dissolução da centralidade e da descontinuidade do humano em relação a outras formas de vida.

Podemos defini-lo como um movimento profanador produzido pela ciência experimental e pela empiria que fundam a modernidade. Essa profanação se assemelha ao processo de explicitação que funda a modernidade e a morfologia das espumas desde o século XV, segundo Sloterdijk (2004, 2006). As zoomorfoses não dizem respeito à uma tentativa de acessar uma natureza indeterminada ou anterior à cadeia de mediações. Não se restringem às concepções correntes do termo *zoé* entendido como sinônimo de reino animal. Tampouco se referem a uma *mimesis* de uma eventual natureza dada, exterior aos processos artificiais. Muito menos se propõem a construir uma identificação entre natureza e paisagem ou entre natureza e animalidade.

Propomos que as zoomorfoses são uma concepção da vida que enfatiza a continuidade entre os diversos seres vivos, processos, biomas, plataformas, morfologias e seres, promovendo uma descentralização da perspectiva humana. Trata-se de um dos golpes mais fortes perpetrados contra as mitologias da descontinuidade do humano em relação aos demais seres do cosmos, e de um subsequente reposicionamento do *sapiens*

e dos seres na grande cadeia do ser (Lovejoy, 2005). As zoomorfoses descrevem transformações ocorridas no estatuto da vida e dos signos por meio da ciência moderna, em especial da biologia darwiniana. Ademais, performam as diversas valências e vigências dos vivos e sugerem de modo especulativo, novas composições (Tarde, 2007), arranjos e esferas de interação que possam vir a se estabelecer entre todas as manifestações da ser e da vida.

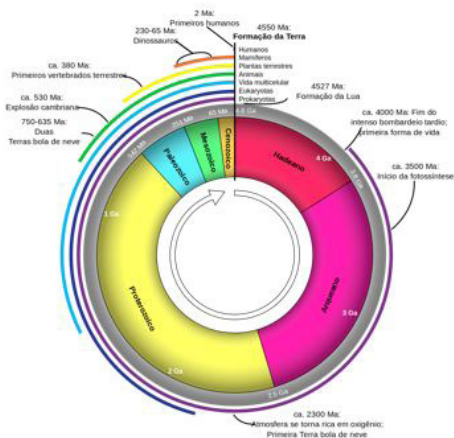


Figura 01: Representação em formato de relógio mostrando algumas unidades geológicas e alguns eventos da história da Terra em bilhões de anos (Ma). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Geologic_Clock_with_events_and_periods.svg

A emergência do gênero *homo* há dois milhões e, em especial, da espécie *sapiens*, há 70 mil anos, é uma revolução da vida. Pela primeira vez surge um animal

que escalou como nenhuma outra espécie o topo da cadeia alimentar e conseguiu em pouco milênios lançar seu domínio sobre todas as esferas da Terra. Entretanto, não foi uma revolução da vida como um todo e muito menos da Terra, se a pensarmos em uma escala multidimensional, englobando a vida e a geologia como um todo. A começar pelas proporções incomparáveis de tempo, a emergência do humano ainda hoje precisa ser considerada como um mero epifenômeno da Terra e do cosmo. Por isso, a emergência do *sapiens* pode ser compreendida não como uma revolução paradoxal. O poder e a singularidade desse novo animal produziram todas as narrativas de centralidade do humano em relação ao cosmo. E são justamente essas narrativas da centralidade do humano que podem vir a ser as principais causas da extinção do humano. Isso se deve à fragilidade e à vulnerabilidade extremas que essas narrativas geram para o próprio humano.

Quando falamos de épocas, estamos falando de recortes de tempo de milhares de anos. Estaríamos saindo do Holoceno, uma época de estabilização da vida na Terra, que dura de dez a 12 mil anos, e estaríamos ingressando nessa nova época humana, que está prestes a vir e já está sendo anunciada. Para alguns, ela já existe e já estamos nessa nova época. A bibliografia especializada sobre o Antropoceno sempre enfatiza o aspecto de que embora isso possa resvalar sobre o humano e tenha uma participação humana, o Antropoceno é uma mutação de profundas e abissais transformações em todo o sistema Terra, em todas as estruturas e, principalmente, nos quatro grandes níveis descritos acima. É uma mutação não apenas do clima e da atmosfera, mas da vida como um todo, do humano, uma alteração da biota, que é a camada de vida que circunda a Terra

e, também, uma alteração geológica e fisioquímica. Latour está tentando imaginar como podemos contornar esse conceito. Apenas assim poderemos trazer o maior número de subsídios para compreender esse nível de complexidade.

Como mencionei a partir de Wallace-Wells (2019), as teorias antrópicas se baseiam na imprescindibilidade do humano no cosmo. O problema dessa crença é que ela tem consequências devastadoras. À medida que a existência do humano está assegurada por Deus ou por qualquer outro *design* inteligente, imanente ao cosmo, os humanos passaram a se relacionar com a vida, com a Terra e com o universo como se eles, humanos, fossem inextinguíveis e inerradicáveis. Se todos os seres são continentes e apenas o humano é necessário, qual a vinculação possível dos humanos com os demais seres? A antropia concorreu então para gerar a condição de absoluta solidão do *sapiens* no universo. Ora, essa crença na inextinguibilidade do humano é justamente o motor que deve conduzir o humano à extinção. Quanto mais potência, mais se disseminam as imagens de centralidade e, por conseguinte, a separabilidade dos homínídeos em relação aos demais processos da natureza. Quanto maior a separabilidade, menores os sistemas imunizadores. Quanto menor a imunodeficiência, maior o risco de extinção desse animal humano que se julga plenipotente. A potência absoluta escamoteia, oculta, aprofunda e radicaliza a absoluta fraqueza. Podemos chamar essas narrativas da centralidade e da separabilidade humanas de antropomorfoses.

As antropomorfoses dominaram toda extensão e todas as imagens do *sapiens* em quase todas as culturas

humanas. E encontraram sua expressão consumada nas mitologias abraâmicas e greco-latinas. Juntas, essas duas axiologias produziram a modernidade. Em um futuro próximo, essa submissão das diversas antropofanias, ou seja, aparições transumanas do humano, à figurações do antropomorfismo, bem como a redução de todas as demais esferas da Terra à antroposfera devem vir a ser considerados as maiores aberrações da vida. Para se dimensionar o tamanho dessa aberração, basta olharmos o relógio geológico da Terra (Figura 01). Trata-se de uma imagem autoevidente que coloca em perspectiva e ressalta a absoluta insignificância humana diante dos demais processos do sistema Terra, abordado em sua geologia, em sua biologia e em sua cosmologia. A principal transformação ocorrida no seio de algumas vertentes das ontologias contemporâneas é que a vida determinada tem sido agora submetida à vida indeterminada.

Acredito que uma das preocupações nucleares da arte contemporânea seja embaralhar esses atores-actantes (Latour, 1994, 2002, 2012) humanos e não-humanos, incluindo aqui os animais não-humanos e os processos artificiais. Esse processo se concentra em três conceitos nucleares da esferologia de Sloterdijk: imunologia, domesticação e explicitação (Sloterdijk, 2006). Em certo sentido, o conceito de Antropoceno guarda em si o estranho paradoxo de sinalizar a extinção do humano por causa do humano e, ao mesmo tempo, manter a centralidade do humano *antropos* na definição de uma nova época em que esta precisaria justamente ser extinta. O Antropoceno seria um epifenômeno da sucessão escalar de antropomorfoses, descortinadas nas diversas hierofanias teândricas produzidas pelo *sapiens*. O Bioceno é uma tentativa assaz produtiva de

corrigir esse antropocentrismo teândrico. Contudo, ainda é limitado por conta de todos os seus compromissos epistêmicos biocêntricos. Devido a estes e a outros fatores, é preciso avançar em direção às possibilidades abertas pela semiosfera e da noosfera (Santaella, 2021) e da mesosfera e da cosmosfera (Petronio, 2021). Esta é a nova era da Terra que se inaugura agora, e que contemplaria todas as revoluções da vida, do humano e dos demais meios terrestres e terranos, orgânicos e inorgânicos. Defino essa nova era como Mesoceno: a Era dos Meios.

V. DO GLOBO AOS MESONS

O globo é um conceito de Sloterdijk (2003, 2004, 2006). Em uma de suas oito conferências, intitulada “O Antropoceno e a destruição (da imagem) do globo”, Latour (2020a) de novo recorre à interrogação e à indecidibilidade. Para entender essa questão do globo, precisamos nos ater à teoria das esferas de Sloterdijk. A esfereologia contempla bolhas, globos e espumas. Essas três morfologias estão dentro de um conceito matricial de esfera. Ao longo desses três volumes, Sloterdijk dá diversas definições do que são as esferas, mas elas são relações sistema-meio, ontologias diádicas, ou seja, ontologias de dois, e esses dois são inextrincáveis, não são separáveis. As esferas também são ontologias relacionais, dentre outras definições. De um modo geral, Sloterdijk exponencializa o ser-aí relacional mundano de Heidegger, associando-o ao ser-com (*Mitsein*), bem como expande irrestritamente o conceito de meio-circundante (*Umwelt*) de Jacob von Uexküll (2014), dentro de uma premissa sistêmica e metabiológica, ou seja, os sistemas são entendidos a partir dos da metabiologia,

da *autopoiesis*, da relacionalidade e da imunologia. Essas três são morfologias que decorrem das relações que Sloterdijk define como interior-exterior e sistema-meio. Essas relações são ontológicas, mas pressupõem uma espécie de relacionalidade com a teoria da relacionalidade infinita: todos os seres de todos os enquadramentos ontológicos que possam existir estão em relação. E o nível em que essa relação se dá é o que caracteriza essas morfologias. Estritamente, na conferência quatro, Latour segue *pari passu* Sloterdijk e trata da destruição da imagem do globo.

As bolhas são o que Sloterdijk chama de sistemas imunológicos microesféricos ou relação de intimidade forte desses seres que habitam o sistema e o meio. Essas relações decorrem de muitas coisas que não vou conseguir explicar aqui, mas a primeira delas é o que ele chama de filosofia mamífera, que é um modo metabiológico de transferência por meio do qual os seres vivos, incluindo principalmente os mamíferos, domesticam seu meio exterior, transformam esse meio exterior e são transformados pelo meio exterior. A base da teoria da *autopoiesis*, que está em Maturana e em Luhmann, também se encontra na base da teoria Gaia, no sentido de que a vida não apenas se adapta e não apenas transforma, tese sustentada por Sloterdijk, sobretudo a partir do conceito de antropotécnica. Então, a transformação do meio pode gerar diversas morfologias, mas quando ela está no nível microesfereológico, é aquilo que Sloterdijk chama de bolhas. Essas bolhas podem ser exponencializáveis e podem gerar ontologias imperiais: grandes regimes de sentido, que se expandem para todas as direções, e dão ensejo a estruturas imperiais e a políticas de grande duração.

Os globos têm uma relação muito forte com o processo imperial, ou seja, a formação dos impérios desde a antiguidade: o babilônico, o mesopotâmico, o assírio, o chinês, o medieval cristão, o grego, o romano, o mongol. Todos esses imperialismos estão “globalizando” a Terra. Aqui começamos a perceber que a acepção de globo de Sloterdijk é totalmente contraintuitiva. Ela é praticamente o oposto do que chamamos de globalização. A globalização no sentido corrente é aquilo que as novas tecnologias produziram no fim do século XX por meio de uma certa uniformidade comunicativa que uniu todos os pontos da Terra e produziu a hegemonia e expansão do capitalismo. A globalização é o modo de ser do capital, do fluxo de dinheiro e da informação no mundo a partir dos anos 1980 e 1990. Para Sloterdijk, o globo forma um princípio imunológico, ou seja, é a maneira pela qual pequenas bolhas, grupos, tribos, famílias, etnias e religiões conseguem extrapolar seus sistemas de crenças e dominar, quase sempre com violência, outras bolhas e construir uma imagem do mundo. O globo é a construção de uma totalidade hipotética, feita por uma não-totalidade dominante de uma bolha ou mais bolhas que estão produzindo desterritorialização, no sentido de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995). Essas bolhas que chegam ao poder começam a desterritorializar as diversas crenças, etnias, religiões, populações, cidades, para poder homogeneizar, de certa maneira, nessa imagem do globo.

Então, o processo da globalização, para o Sloterdijk começou na antiguidade e a globalização terrestre, que é como ele a define, termina no século XVII e mais tardiamente no século XVIII: o momento em que a cartografia da Terra é, em certa maneira, mapeada em seus escrutínios. Existe a emergência de uma nova morfo-

logia a partir do século XVI, sinônimo de modernidade, que é a morfologia da espuma. Ela se define como catástrofe dos globos. Sloterdijk está trabalhando com sistemas imunológicos, pensando a partir de imunização. O que é a catástrofe do globo? É a inviabilidade de uma macroimagem capaz de produzir a imunização dos seres humanos. A morte de Deus, segundo Nietzsche, não seria apenas uma crítica à religião. A morte de Deus é a morte dos sistemas imunológicos baseados em um centro emissor de sentido e de poder, que é o que define o globo enquanto globo. Passa a haver a inviabilidade da reconstrução dessa morfologia, porque multiplica rizomaticamente todos os centros de poder, de enunciação e de informação, e os capilariza ainda em multiplicidades-espacos (Sloterdijk, 2006). Trata-se de uma morfologia cuja multiplicação é indeterminada, que desencadeia uma virtualização da vida a partir de sistemas orgânicos e inorgânicos, informacionais, tecnológicos e nanotecnológicos. Somos cercados por uma vertigem de aprofundamento da espuma e por um mundo flutuante de puras superfícies, como queria Flusser (2019): o mundo de superfícies em que nós vivemos é o mundo da inviabilidade de reconstrução do globo.

Quando Latour se apoia em Sloterdijk, quer demonstrar que, ao falar em natureza, homogeneizamos a natureza e a Terra. Tentamos reconstruir um globo como se ele fosse uma unidade, mas essa unidade não é mais passível de construção ou reconstrução. Os conceitos de globo e de globalização são defasados e não nos ajudam mais a retificar ou a articular os pontos necessários para evitar as mutações do Antropoceno. Latour (2020b) também menciona as teorias do local e do global, enfatizando as nuances e a alteração das bússolas

las que norteavam as ideologias de esquerda e direita, progressistas e reacionários, conversadores e liberais, dentre outras. Não quer dizer que essas categorias não existam ou não existam divisões. Quer dizer que o desafio que temos hoje é o embaralhamento dessas categorias justamente porque pensamos a partir do globo, ou seja, a partir de uma tentativa de unificação. Sempre que essa unificação se apoiar em algum pressuposto de natureza, será uma unificação abstrata. O recurso à natureza é uma espécie de bote salva-vidas que mais nos afoga do que nos salva.

Nesse sentido, há uma imagem-alegoria, do pintor romântico alemão Caspar Friedrich. Latour faz questão de transcrever essa imagem. Caspar Friedrich era muito conhecido por representação de paisagens. Entretanto, traz algo interessante para a teoria dos sistemas: uma recorrência de personagens de costas para o espectador e que observam a paisagem natural da suposta natureza. Grandes *landscapes*, tomadas aéreas de montanhas, paisagens bucólicas. Hans Ulrich Gumbrecht (2014) faz uma análise do conceito de atmosfera (*Stimmung*) desde a literatura medieval até Thomas Mann e, em um dos capítulos, esmiúça Caspar Friedrich como um precursor da teoria sistêmica. Teríamos materializada na pintura a noção de observador de segunda ordem. Não estamos vendo a paisagem junto com aquele que vê a paisagem – estamos vendo alguém ver a paisagem. Essa estrutura metassistêmica à coimplicação de observadores metassistêmicos de segunda ordem proliferantes é central para se entender a Teoria do Ator-Rede (TAR) de Latour. Nesta tela de Friedrich, o chão parece conter poças d'água ou pequenos filamentos das águas de um rio. Porém, observando mais detidamente, vemos, na verdade, a imagem de

um globo terrestre: o globo terrestre foi enterrado na Terra.

A metáfora do globo se explodiu. Não existe unidade global possível. A crítica à globalização, independentemente do espectro ideológico, é eficiente porque também mostra as contradições do modelo global de se pensar o mundo. Por seu turno, as costuras entre o glo-cal (global e local) são insuficientes. Então a pergunta que fica, inspirada pela tela de Friedrich, é: como pensar a Terra para além da imagem da unificação da “natureza” e para além da imagem da unificação do globo? Pensar assim deve fornecer uma saída para os impasses e para o problema que está batendo à porta: o problema do Antropoceno. Um dos meios é pensar esferologicamente. Outro meio é pensar a partir de Gaia e das teorias de Gaia e das teorias da complexidade e do sistema Terra. Todos eles convergem para outro vetor: a transformação paulatina do Antropoceno em Mesoceno. Trata-se da dissolução da unidade global da Terra, multiplicada em infinitos meios-mundos e em infinitos meios-mediadores. E da dissolução do humano nesse emaranhamento não-linear, em um oceano de recursividade. Apenas mediante essa excentricidade da Terra em relação ao globo e do humano em relação a si mesmo podemos ingressar no Mesoceno e criar alternativas aos efeitos antropocênicos, iminentes e letais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ariane; PETRONIO, Rodrigo. Zoomorfoses: horizontes da vida e da imagem na era da informação. TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, n. 22, jul./dez. 2020, p. 34-63.

ARNOLD, V. I. Teoria da Catástrofe. Campinas: Unicamp, 1989.

ASHBY, William Ross. Introdução à cibernética. São Paulo: Perspectiva, 1970.

BATAILLE, G. A teoria da religião. São Paulo: Ática, 1993.

BATAILLE, George. A Noção de Despesa. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975a.

BATAILLE, George. A Parte Maldita. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975b.

BATAILLE, George. O Erotismo. Tradução Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

BATESON, Gregory. Steps to an ecology of mind. With a new foreword by Catherine Bateson. Chicago/London: University of Chicago Press, 2000.

BENSAUDE-VINCENT, Bernadette. As Vertigens da Tecnociência: Moldar o mundo átomo a átomo. São Paulo: Ideias & Letras, 2013.

BERTALANFFY, Ludwig Von. Teoria Geral dos Sistemas: Fundamentos, Desenvolvimento e Aplicações. Tradução Francisco Guimarães. Petrópolis: Vozes, 2009.

BATESON, Gregory. “Os homens são como plantas”. In: THOMPSON, William Irwin. Gaia: Uma Teoria do Conhecimento. São Paulo: Gaia, 2001, p. 35-44.

COCCIA, Emanuele. A vida das plantas: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

DANOWSKI, Deborah e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie/Instituto Socioambiental, 2014.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix Mil Platôs. São Paulo, Editora 34, 1995.

DUPUY, Jean-Pierre. O tempo das catástrofes: quando o impossível é uma certeza. Tradução Lília Ledon da Silva. São Paulo: Editora É, 2011.

FLUSSER, Vilém. Elogio da superficialidade: O universo das imagens técnicas. Coordenação da Biblioteca Vilém Flusser Rodrigo Maltez Novaes e Rodrigo Petronio. São Paulo: Editora É, 2019.

GÓMEZ, José Luis Sánchez e CASSINELLO, Andrés Martinez. O mistério Quântico: uma expedição às fronteiras de física. Coleção Crítica. São Paulo: Planeta, 2017.

GUATTARI, FELIX. As três ecologias. Tradução Maria Cristina Bittencourt. Campinas: Papirus, 2001.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Atmosfera, Ambiente, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2010.

HARARI, Yuval Noah. 21 Lições Para o Século 21. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Yuval Noah. Sapiens: Uma Breve História da Humanidade. São Paulo: L&PM, 2015.

HARARI, Yuval Noah. Homo Deus: Uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARAWAY, Donna. Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Introdução Hari Kunzru. Organização e tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HARAWAY, Donna. Seguir con el Problema. Generar parentesco en el Chthuluceno. Helen Torres (trad.). Edición Consonni, Bilbao, 2019.

HARAWAY, Donna. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. Environmental Humanities, vol. 6, pp. 159–165, 2015.

HARAWAY, Donna. Tentacular Thinking: Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene. E Flux, 2016. Em: <http://www.e-flux.com/journal/tentacular-thinking-anthropocene-capitalocene>

locene-chthulucene/. Acesso: 10/04/2021.

HOQUET, Thierry. Filosofia ciborgue: pensar contra os dualismos. Tradução Marcio Honório de Godoy. São Paulo: Perspectiva, 2018.

HUI, Yuk. Tecnodiversidade. Tradução Humberto Amaral. São Paulo: Ubu, 2020.

KAKU, Michio. Visões do Futuro: como a ciência revolucionará o século XXI. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

KERÉNYI, Karl. Dioniso: imagem arquetípica da vida indestrutível. São Paulo: Odysseus, 2002.

KLEIN, Naomi. The shock doctrine: the rise of disaster capitalism. New York: Metropolitan Books/Henry Holt, 2007.

KOLBERT, Elizabeth. Enter the Anthropocene: Age of Man. 2011. Em: <http://ngm.nationalgeographic.com/2011/03/age-of-man/kolbert-text>. Acesso: 10/04/2021.

LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador | Bauru: Edufba | Edusc, 2012.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe[i]tiches. Trad. Sandra Moreira. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.

LATOUR, Bruno. Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza do Antropoceno. Tradução Matyalue Meyer. Revisão Técnica André Magnelli. São Paulo | Rio de Janeiro: Ubu | Ateliê de Humanidades, 2020a.

LATOUR, Bruno. Onde Aterror? Como se orientar politicamente no Antropoceno? Tradução de Marcela Vieira, revisão técnica e posfácio de Alyne Costa. Anexo: “Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. Domingo, 29 de março de 2020”. Texto publicado originalmente no site <http://aoc.media> Tradução de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020b.

LOVEJOY, Arthur. A grande cadeia do ser. São Paulo: Palín-

dromo, 2005.

LOVELOCK, James. “Gaia: Um modelo para a dinâmica planetária e celular”. THOMPSON, William Irwin. Gaia: Uma Teoria do Conhecimento. São Paulo: Gaia, 2001, p. 77-90.

LOVELOCK, James. A Vingança de Gaia. Tradução Ivo Korytowski. Prefácio Sir Crispin Tickell. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

LEM, Stanisław. Nova cosmogonia e outros ensaios. Trad. de Henryk Siewierski. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LÉVY, Pierre. A Inteligência coletiva por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1999.

LÉVY, Pierre. A máquina Universo: criação, cognição e cultura informática. Lisboa: Piaget, s/d.

LOTMAN, I. The Universe of the Mind. A semiotic theory of culture, Ann Shukman (trad.). Bloomington: Indiana University Press, 1990.

LOVELOCK, James. Novacene: The Coming Age of Hyperintelligence. Massachusetts: MIT, 2019.

LÖWY, Michael. Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecosocialista. CADERNO CRH, Salvador, v. 26, n. 67, p. 79-86, 2013.

LUHMANN, Niklas. Introdução à teoria dos sistemas. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARTINS, Hermínio. Experimentum Humanum: Civilização Tecnológica e Condição Humana. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

MATURANA R., Humberto; MAGRO, Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson. A Ontologia da realidade. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 1997. MATURANA, Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana. Organização, tradução e revisão técnica Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. The tree of knowledge: the biological roots of human understanding. Foreword by J. Z. Young. New Science Library. Boston & London: Shambhala, 1987.

MONOD, Jacques. O Acaso e a Necessidade. Tradução Bruno Palma e Pedro Paulo de Sena Madureira. Petrópolis: Vozes, 1971.

MORIN, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. Tradução Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORTON, Timothy. Hyperobjects: Philosophy and Ecology after the End of the World. Series. Posthumanities. Minnesota: University of Minnesota Press, 2013.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. Novas Configurações do Mundo. O que Fazer nas Mutações? In: Mutações: Entre dois mundos. Adauto Novaes (org.). São Paulo: Edições Sesc, pp. 323–344. 2017.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. “O que se entende por fim da Humanidade? ou O fim do “progresso como fim”. In: Mutações. Dissonâncias do progresso. Adauto Novaes (org.). São Paulo: Edições Sesc, pp.37–64, 2018.

PINKER, Steven. Os Anjos Bons de Nossa Natureza: por que a violência diminuiu. Tradução de Bernardo Joffily e Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras, 2006.

PEIRCE, C. S. Collected Papers. Vols. 1–6, Hartshorne and Weiss (editores); vols. 7–8, Burks (editor). Cambridge/ Massachusetts: Harvard University Press, 1931–1958.

PETRONIO, Rodrigo. Bioceno: as revoluções da Terra e a nova erada vida artificial. TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, n. 22, jul./dez., 2021a, p. 06–11. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/53404>

PETRONIO, Rodrigo. Mesons: Ontologia. Tese de Doutorado apresentada no Departamento de Literatura Comparada do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro para a obtenção do título de Doutor. Orientador: Prof. Dr. João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro, 2015, 495 p.

PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle. A nova aliança: metamorfose da ciência. Tradução Miguel Faria e Maria Joaquina Machado. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

PRATES, Vinicius. Um mapa da ideologia no Antropoceno. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020.

ROSENBLUM, Bruce; KUTTNER, Fred. O enigma quântico: o encontro da física com a consciência. Tradução de George Schlesinger. Revisão técnica de Alexandre Cherman. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ROVELLI, Carlo. A realidade não é o que parece: a estrutura elementar das coisas. Tradução Silvana Cobucci Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

SHYAM, Vikram. Principal Investigator, PeTaL/Nature-inspired Design, NASA Glenn Research Center. Cleveland Museum of Natural History, 1 Wade Oval Drive, Cleveland OH 44106, Thursday, March 14, 2019a. Disponível em: <http://clevelandohio.gov/node/14956> Acesso em: 26.04.2020.

SHYAM, Vikram. PeTaL (Periodic Table of Life) and Physiomics. Vikram Shyam, Lauren Friend, Brian Whiteaker, Nicholas Bense, Jonathan Dowdall, Bishoy Boktor, Manju Johny, Isaias Reyes, Angeera Naser, Nikhitha Sakhamuri, Victoria Kravets, Alexandra Calvin, Kaylee Gabus, Delonte Goodman, Herbert Schilling¹, Calvin Robinson, Robert Omar Reid II ¹ and Colleen Unsworth, NASA Glenn Research Center, Cleveland, OH 44135, USA, LERCIP, NASA Glenn Research Center, Cleveland, OH 44135, USA, NASA Glenn Research Center PhD Fellow, Cleveland, OH 44135, USA. Received: 31 May 2019; Accepted: 20 July 2019; Published: 14 August 2019b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335178416_PeTaL_Periodic_Table_of_Life_and_Physiomics e <https://www.mdpi.com/2411-9660/3/3/43/html> Acesso em: 26.04.2020.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e Artes do Pós-Humano: da Cultura das Mídias à Cibercultura. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia. Corpo e Comunicação: Sintoma da Cultura. Coleção Comunicação. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. Por que as Comunicações e as Artes estão Convergindo? São Paulo: Paulus, 2005.

SLOTERDIJK, Peter. Esferas I: Burbujas. Microsferología. Traducción Isidoro Reguera, Prologo Rüdiger Safranski. Barcelona: Siruela, 2003.

SLOTERDIJK, Peter. Esferas II: Globos. Macrosferología. Traducción Isidoro Reguera. Prólogo Rüdiger Safranski. Barcelona:

na: Siruela, 2004.

SLOTERDIJK, Peter. Esferas III: Espumas. Esferología Plural. Traducción Isidoro Reguera. Prologo Rüdiger Safranski. Barcelona: Siruela, 2006.

SLOTERDIJK, Peter. Crítica da razão cínica. Tradução e coordenação Marco Casanova. Equipe de tradução: Paulo Soethe, Pedro Costa Rego, Mauricio Mendonça Cardozo e Ricardo Hiendlmayer. Preparação de originais Rodrigo Petronio. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

STENGERS, Isabelle. No Tempo das Catástrofes. São Paulo. Cosac Naify, 2015.

TARDE, Gabriel. Monadologia e Sociologia e Outros Ensaios. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

TEIXEIRA, João de Fernandes. A mente pós-evolutiva: A filosofia da mente no universo do silício. Petrópolis: Vozes, 2010.

THOMPSON, William Irwin. Gaia: Uma Teoria do Conhecimento. São Paulo: Gaia, 2001.

TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

UEXKULL, Jacob von. A Foray into the Worlds of Animals and Humans: with A Theory of Meaning. Translator Joseph D. O'Neil, 2014.

VARELA, Francisco. LOVELOCK, James. "O caminhar faz a trilha". THOMPSON, William Irwin. Gaia: Uma Teoria do Conhecimento. São Paulo: Gaia, 2001, p. 45-60.

VEIGA, José Eli da. O Antropoceno e a Ciência do Sistema da Terra. São Paulo: Editora 34, 2019.

WALLACE-WELLS, David. A Terra Inabitável: uma história do futuro. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WEETMAN, Catherine. Economia circular: conceitos e estratégias para fazer negócios de forma mais inteligente, sustentável e lucrativa. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. São Paulo: Autêntica, 2019.

WOHLLEBEN, Peter. A vida secreta das árvores: o que elas sentem e como se comunicam. Tradução de Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.



ZYLINSKA, Joanna. A Minimal Ethics for the Anthropocene.
Michigan: Open Humanities Press, 2014.

Rodrigo Petronio



Rodrigo Petronio é escritor e filósofo. Autor, organizador e editor de diversas obras. Doutor pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), professor titular da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) e professor convidado do Instituto Europeu de Design [IED | 2021-]. Desenvolveu doutorado sanduíche como bolsista Capes na Stanford University, sob orientação de Hans Ulrich Gumbrecht. Formado em Letras Clássicas [USP], tem dois Mestrados: em Ciência da Religião [PUC-SP], sobre o filósofo contemporâneo Peter Sloterdijk, e em Literatura Comparada [UERJ], sobre literatura e filosofia na Renascença.

Atualmente atua na FAAP como professor-coordenador de dois cursos de pós-graduação: Escrita Criativa e Roteiro para Audiovisual. Membro do grupo de pesquisa TransObjetos do TIDD | PUC-SP [2017-]. Membro do Conselho Científico do Grupo de Pesquisa do CNPq: Centro Internacional de Estudos Peirceanos [2020-]. Membro do Conselho Científico do Grupo de Pesquisa do CNPq: Pensamento Processual e Estudos Whiteheadianos na América Latina [2019-].

É pesquisador associado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (TIDD | PUC-SP), onde desenvolveu sob a supervisão de Lucia Santaella uma pesquisa de Pós-Doutorado sobre a cosmologia de Alfred North Whitehead.

Há vinte e dois anos colabora regularmente com diversos veículos da imprensa, sendo atualmente colunista da revista *Filosofia* e colaborador regular dos jornais *Valor Econômico* e *O Estado de S.Paulo*. Publicou mais de duas centenas de artigos, resenhas e ensaios em alguns dos principais veículos da imprensa brasileira.

Recebeu prêmios nacionais e internacionais nas categorias poesia, prosa de ficção e ensaio. Tem poemas, contos e ensaios publicados em revistas nacionais e estrangeiras. Organizador dos três volumes das *Obras Completas* do filósofo brasileiro Vicente Ferreira da Silva [Editora É, 2010-2012].

Divide com Rodrigo Maltez Novaes a coordenação editorial das *Obras Completas* do filósofo Vilém Flusser pela Editora É que prevê a publicação dos primeiros vinte títulos entre 2018-2021. Coorganizador com Clarissa De Franco do livro *Crença e Evidência: Aproximações e Controvérsias entre Religião e Teoria Evolucionária no Pensamento Contemporâneo* [Unisinos, 2014], conjunto de artigos acadêmicos de professores brasileiros e estrangeiros sobre as relações entre ateísmo, religião e darwinismo. É também o autor de *Azul Babel* (Laranja Original, 2021); *Fim da Terra* (Laranja Original, 2021); *Por que o futuro será uma Era dos Meios?*, da Coleção Interrogações, com a coordenação de Lucia Santaella (Estação das Letras e Cores, 2021); *O Último Deus* (Rua do Sabão, 2022) e *Abismos da Leveza* (É Realizações, 2022).

PUBLICAÇÕES DE RODRIGO PETRONIO NO IHU

- [Nilismo. A matéria-prima das religiões do futuro. Entrevista especial com Rodrigo Petronio. Re-](#)

[vista IHU On-Line, Nº. 412](#)

- [Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk. Cadernos IHU Ideias, Nº 321](#)
- [Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas. Cadernos IHU ideias, Nº 329](#)

ENTREVISTAS COM RODRIGO PETRONIO REALIZADAS PELO IHU

- [Gaia, Antropoceno e natureza: três conceitos para compreender a transição em curso. Entrevista especial com Rodrigo Petronio](#)
- [Vilém Flusser. Um existencialismo mediado. Entrevista especial com Rodrigo Petronio](#)
- [Novas gêneses e soterologias para explicar o sistema terra e as Teorias da Complexidade. Entrevista especial com Rodrigo Petronio](#)
- [Teorias da complexidade: uma nova forma de compreender a Terra. Entrevista especial com Rodrigo Petronio](#)

NOTÍCIAS COM RODRIGO PETRONIO PUBLICADAS NO IHU

- [Decálogo: o mistério que tudo abraça e não se deixa reduzir à certeza de um computador](#)
- [IHU Cast – Rodrigo Petronio apresenta o livro “Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno” de Bruno Latour](#)
- [Equívocos Humanos](#)

- [A Árvore da Vida: o apelo desesperado da espécie humana pela graça, pela delicadeza, pela cortesia](#)
- [Pesquisador defende que a tecnologia está matando a política](#)

EVENTOS COM RODRIGO PETRONIO NO IHU

- [Abismos da Leveza. Por uma filosofia pluralista](#)
- [Mesoceno: a Era dos Meios e o Antropoceno](#)
- [O texto e a rede: Latour e suas referências](#)
- [Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno](#)
- [Centenário de Pasolini: debate sobre o filme O Evangelho segundo Mateus](#)



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Muszkopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airtton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élica Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoececer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas



- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODE – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmänn
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Casculo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzados – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N. 314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da humanização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N.336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry

 UNISINOS